

Onze hospitais viram exemplo na região

Chico das Neves

Os onze hospitais públicos do DF se transformaram em referência médica para pacientes das regiões circunvizinhas e até de estados mais distantes, o que vem provocando uma sobrecarga na rede local. O resultado é que hoje 40% do atendimento ambulatorial e cerca de 70% do emergencial são de pessoas vindas de fora do Distrito Federal. Essa situação já levou a Secretaria de Saúde a fazer gestões junto ao Sistema Único de Saúde (SUS) para que haja um aumento do teto de repasses para o DF. O argumento é que o parâmetro que define o montante de verba é a população, enquanto a rede local vem atendendo a um contingente bem maior.

A expectativa é que diante do volume considerável de doentes provenientes de outras localidades, o Distrito Federal passe a receber mais verbas do Inamps. Atualmente, o SUS repassa à Secretaria de Saúde em torno de Cr\$ 22 bilhões mensais. Desse total, próximo de Cr\$ 12 bilhões correspondem à Unidade de Cobertura Ambulatorial (UCA). Se fossem computados também os atendimentos referentes a moradores do Entorno, a UCA deveria ser de Cr\$ 19 bilhões, segundo cálculos da Secretaria. Com isso, o déficit mensal arcado pela estrutura local é de Cr\$ 7 bilhões, dinheiro que poderia ser gasto na manutenção da rede hospitalar.

A Secretaria de Saúde vem defendendo a mudança de critérios, tendo em vista as particularidades locais. A problemática, assim como as reivindicações já chegaram ao conhecimento do presidente do Inamps, Carlos Eduardo Mosconi, e já estão sendo analisadas na esfera do Ministério da Saúde. Para exemplificar essa realidade do atendimento público de saúde no DF, os números de 1991: dos 4 milhões 300 mil atendimentos efetuados, 1 milhão 700 mil foram de doentes que não moram no Distrito Federal. Uma outra saída para a questão é exigir que os estados que encaminham pacientes para cá o façam chegar aos hospitais com uma autorização de internação preenchida. Hoje, estados de origem recebem as verbas, mas não atendem aos seus doentes.

Ofícios — A procura pelos hospitais de Brasília e das cidades-satélites chega a ser incentivada e até patrocinada por prefeituras. É comum o encaminhamento de um doente, juntamente com um ofício à Secretaria de Saúde, elogiando os serviços prestados no DF, esclarecendo que a transferência de pacientes se deve à falta de estrutura para atendê-los. No início de novembro, o Hospital Euríco Dutra, de Barreira



Hospitais públicos do DF recebem pacientes de outros Estados, mas o atendimento é igual para todos

(BA) encaminhou diversos doentes para o Hospital de Base. A justificativa foi a falta de condições técnicas para realizar cirurgias ortopédicas. Além da Bahia e dos 14 municípios que formam o Entorno do DF, chegam aqui doentes originários até de estados mais distantes do Norte e Nordeste, como Acre, Rondônia, Roraima, Piauí.

Para minimizar a pressão sobre a rede pública local, o GDF vem assinando convênios de cooperação com os governos de Goiás e Minas, no caso particular do entorno. Através desses convênios, a expectativa é o atendimento de 20 mil pacientes por mês no próprio entorno. Dois hospitais já foram inaugurados — em Santo Antonio do Descoberto e outro no Valparaíso. No caso, o governo de Goiás entrou com a estrutura física e o GDF com recursos humanos, possibilitando a entrada em operação das duas unidades.

Brasília acabou se tornando uma opção para a população do entorno em função da limitada rede pública de saúde dos municípios. Para uma população já estimada em 850 mil moradores, existem quatro hospitais públicos, quatro clínicas conveniadas, 22 centros de saúde e 49 postos de atendimento urbanos e rurais.

Fundação expande rede

Considerada uma das melhores redes públicas de saúde do país, a Fundação Hospitalar do Distrito Federal obedece a um sistema hierarquizado, regionalizado e descentralizado de atendimento médico/hospitalar. São onze hospitais, 46 centros e postos de saúde, um Instituto de Saúde Mental e Hemocentro. Dois novos hospitais se encontram em construção: paranoá e o de Apoio. A estrutura será ampliada ainda com cinco outros centros de saúde. Nos últimos dois anos, foram reativados ainda 700 leitos em todos os hospitais da rede. Esse ano, também foi aberta a licitação para a construção do hospital de Samambaia.

Com a expansão da rede, a Secretaria de Saúde pretende aumentar o atendimento ambulatorial, fortalecendo a política de hierarquização. Anteriormente, 70% do atendimento na rede se dava nos prontos socorros. Hoje, isso se inverteu. Depois da construção de 40 centros e postos de

saúde, os prontos-socorros passaram a atender 37% dos pacientes. Os ambulatorios recebem, atualmente, 67% dos doentes. A ideia dessa política é manter o atendimento primário nos postos de saúde, que encaminham os casos indicados para os hospitais regionais. Dessa forma, o Hospital de Base só receberia os pacientes que necessitassem de tratamento terciário, altamente especializado.

Dentro dessa estrutura, surge o Hospital de Apoio, que proporcionando um aumento de leitos vai desafogar os demais hospitais. Para lá serão levados os pacientes crônicos, que no momento, permanecem espalhados pelos hospitais da rede ocupando leitos por longos períodos de internação. Um outro passo importante dentro dessa reestruturação é o futuro Hospital de Samambaia. Os 210 mil moradores da nova satélite utilizam hoje os hospitais de Ceilândia e Taguatinga.